



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

SAISON TEMPORADA
FRANCE PORTUGAL
PORTUGAL FRANÇA
2022

MARGENS ATLÂNTICAS

Filmes de

ARIEL DE BIGAULT

Ariel de Bigault é uma realizadora francesa, profunda conhecedora da história e da cultura portuguesas, que tem levado a cabo uma das mais consistentes e empenhadas indagações cinematográficas sobre a história do racismo que liga Portugal ao resto do mundo lusófono. Remonta aos retratos que fez de artistas afro-brasileiros, em 1987, *ÉCLATS NOIRS DU SAMBA*, entre eles, de Paulo Moura e Gilberto Gil, esse questionamento crítico das raízes da discriminação racial que ainda hoje persiste e, com essa tomada de consciência, sobreveio a vontade de dar visibilidade às comunidades em sofrimento e marginalizadas.

De qualquer modo, antes de ter partido para o Brasil, a sua primeira preocupação foi a de filmar, em registo de cinema *vérité*, *MULHERES EM LUTA* (título raro, filmado em 8 mm, que por razões de preservação não será exibido neste ciclo), no Portugal sob o efeito da Revolução de Abril; documentou ainda o mundo de duas crianças com síndrome de Down, numa produção que intitulou *EDUARDO E FERNANDO*, e, por fim, em *ESTÃO A VER-NOS?*, deu expressão aos sonhos de uma criança cega. O título deste filme é premonitório de muito do que se seguiu, ainda que seja sobretudo na voz, e não nos olhos, que Bigault encontrou as principais formas de resistência ao racismo. Aliás, a arte costuma surgir nos seus filmes como um modo de libertação e denúncia de situações, mais ou menos veladas, de injustiça, de desespero e de pobreza.

Não menos importante que o seu trabalho no cinema são as duas coletâneas de música cabo-verdiana e angolana que ajudou a editar nos anos 90 do século passado. Por “estar tudo” na música cantada por homens e mulheres africanos ou descendentes de africanos, Bigault preencheu uma parte importante da sua carreira “coleccionando” as vozes de quem se expressa fundamentalmente através de canções: em *MARGEM ATLÂNTICA*, após um retrato multigeracional de imigrantes africanos vivendo em Lisboa chamado *AFRO LISBOA*, Bigault regressou à capital para falar com músicos de ascendência africana, ao passo que, em *CANTA ANGOLA*, encontrou em Luanda ecos do passado escravagista e tons que vibram perante o sofrimento dos nossos dias. *FANTASMAS DO IMPÉRIO*, em certa medida, substituiu a música

pelas imagens do cinema, aquelas que ainda vão resistindo ao processo de não-inscrição do passado colonial no nosso imaginário coletivo: um filme que diz “olhem para o passado” ou, citando o seu filme iniciático, “estão a vê-lo?”.

Aquando da passagem de FANTASMAS DO IMPÉRIO, em 2020, na Cinemateca Portuguesa, Ariel de Bigault explicitou deste modo o que constitui para si o espaço do documentário: “O filme é um espaço de encontro e de diálogo de obras, de pessoas, de criadores. Todos os meus filmes são muito diferentes na forma, mas não têm comentário, porque é o meu olhar, não é *um* ponto de vista. O meu olhar abrange vários olhares. (...) Através desses diálogos, o espectador pode criar o seu ponto de vista.”

Segunda-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FANTASMAS DO IMPÉRIO

de Ariel de Bigault

Portugal, França, 2020 – 112 min

| M/12



Cineasta particularmente sensível aos problemas da representação dos imigrantes e do passado colonial no cinema falado em português, a documentarista Ariel de Bigault vira-se agora para o tema do imperialismo lusitano e o discurso de propaganda que lhe está associado. Face às imagens do cinema português, e com a ajuda de realizadores como Fernando Matos Silva, João Botelho ou Margarida

Cardoso, Hugo Vieira da Silva e Ivo Ferreira,, Ariel de Bigault delega no ator são-tomense Ângelo Torres e no angolano Orlando Sérgio, o papel de guia numa narrativa que se propõe despertar velhos fantasmas no coração do imaginário coletivo português.



Terça-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

ECLATS NOIRS DU SAMBA (série)

CARIOCAS, LES MUSICIENS DE LA VILLE

França 1987 – 58 min

de Ariel de Bigault

PAULO MOURA, UNE INFINIE MUSIQUE

França 1987 – 56 min

de Ariel de Bigault

duração total da projeção: 114 min | M/12

Dois filmes realizados no Brasil, fazendo parte de uma série intitulada ÉCLATS NOIRS DU SAMBA, numa época em que os documentários sobre músicos ainda não estavam na moda, tão pouco sobre artistas afro-brasileiros. Conduzida pelo ator e cantor brasileiro Grande Othelo, Bigault vai ao Rio de Janeiro para revelar a história – e os segredos – do samba. Músicos afro-brasileiros, tais como Martinho da Vila e Zeda Vehla, participam nesta viagem ao coração da mais popular música brasileira. Paulo Moura, músico de infinitos talentos (clarinetista, saxofonista, compositor, etc.), é a grande figura do *jazz* na série documental de Bigault: “Na sua música você reconhece diversas influências e matrizes. Ele pegou no que havia antes e pôs em diante”, nota no filme o escritor e historiador Joel Rufino dos Santos. Primeira apresentação na Cinemateca.

Quarta-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

ECLATS NOIRS DU SAMBA (série)

GILBERTO GIL, LA PASSION SEREINE

França 1987 – 57 min

de Ariel de Bigault

ZÉZÉ MOTTA, LA FEMME ENCHANTÉE

França 1987 – 56 min

de Ariel de Bigault

duração total da projeção: 113 min | M/12

Dois filmes realizados no Brasil, fazendo parte da série intitulada ÉCLATS NOIRS DU SAMBA, com a participação de Grande Othelo. Zézé Motta, a inesquecível “Chica da Silva”, é uma das mais audaciosas atrizes e cantoras brasileiras, contando com Gilberto Gil e Chico Buarque no seu repertório musical. Bigault transforma-a num ícone feminista contra o racismo: o que se espera da mulher negra no Brasil contemporâneo e como é ela representada, na música, no cinema e nas novelas? Motta denuncia a marginalização dos negros tanto no cinema como na televisão, sendo este um documentário que se expande a partir da música, atingindo o coração do universo cultural brasileiro. Sereno e apaixonante/apaixonado, Gilberto Gil dá expressão à sua música e disserta sobre as raízes do movimento que fundou, com Caetano Veloso (também no filme), a chamada Tropicália. O futuro Ministro da Cultura brasileiro refaz o caminho da música brasileira, permitindo encarar as suas raízes negras e escravagistas. Primeira apresentação na Cinemateca.

Quinta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

EDUARDO E FERNANDO

Portugal, 1981 – 45 min

de Ariel de Bigault

ESTÃO A VER-NOS?

Portugal, 1982 – 60 min

de Ariel de Bigault

duração total da projeção: 105 min | M/12

Obras raríssimas, filmadas em 16 mm, documentários produzidos com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que incidem no mundo da infância: EDUARDO E FERNANDO documenta as



brincadeiras e o mundo de duas crianças com síndrome de Down, ao passo que ESTÃO A VER-NOS? mostra os sonhos de uma criança cega, que tem expectativas e que deseja brincar como qualquer outra criança. Primeira apresentação na Cinemateca.

Sexta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

CANTA ANGOLA

França, Angola, Portugal, 2000 – 59 min
de Ariel de Bigault

SI MANERA e FEIA

Grupo Finaçon

Cabo Verde – França 1990– 2 x 4 m

de Ariel de Bigault

TITO PARIS

França, 2002, 12 min

de Ariel de Bigault

MADREDEUS, LA SIRÈNE DU TAGE

França, 2005 – 15 min

de Ariel de Bigault

duração total da projeção: 95 min | M/12



Verdadeira cicerone da música cabo-verdiana e angolana sobretudo em França, Ariel de Bigault documenta em CANTA ANGOLA a paisagem musical de Angola, através de alguns dos seus artistas mais talentosos, tais como Carlos Burity, Moises Kalafa, Lourdes Van Dunem, Paulo Flores e Carlitos Vieira Dias. A música como arma contra a destruição da guerra, a violência e a pobreza reinantes. Face a tudo isto, os angolanos cantam e dançam – festejam, apesar de tudo, e Bigault testemunha o seu exemplo. A ligação à música africana está também patente nesta sessão em videoclipes realizados pela cineasta francesa com artistas ligados à cultura negra: a banda cabo-verdiana Finaçon, o músico cabo-verdiano Tito Paris e a banda portuguesa Madredeus. Primeira apresentação na Cinemateca.

Sábado [24] 18:00 | ESPLANADA da CINEMATECA
DEBATE: DAS MARGENS PARA O FOCO

Conversa com os actores Ângelo Torres e Miguel Sermão, o guionista e dramaturgo Guilherme Mendonça, Ariel de Bigault e outros participantes sobre a presença e a visibilidade - no teatro, televisão e no cinema em Portugal - dos actores, guionistas, encenadores e realizadores originários das ex-colónias portuguesas.



Sábado [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

AFRO LISBOA

de Ariel de Bigault

França, Portugal, 1996 – 60 min

MARGEM ATLÂNTICA

de Ariel de Bigault

França, Portugal, 2006 – 58 min

duração total da projeção: 118 min | M/12



AFRO LISBOA, documentário sobre a “Lisboa africana”, com a presença de pessoas divididas entre os seus países de origem – Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe – e a sua situação em Portugal e na Europa – o que é a identidade afro-europeia? Trata-se de uma reflexão sobre os estereótipos que minam a relação com a presença das diferentes Áfricas nesta nossa paisagem social e cultural. Como é habitual na obra de Bigault, a palavra dita nas ruas da cidade mistura-se com a música e a dança, por exemplo, o sucesso da época “Pim Pam Pum”, da banda de origem angolana Kussondulola: “Sou um escravo fugitivo / A minha alma está no meio.” Em MARGEM ATLÂNTICA, cantores, compositores e atores são ouvidos sobre a negritude e a relação com o passado colonial: de Mariza a João Afonso, de Cool Hipnoise a Space Boys, de José Eduardo Agualusa a Kalaf Epalanga, de Ângelo Torres ao Teatro do Pau Preto, Ariel de Bigault mostra o país na sua mistura cultural e projeta-a sobre o mundo. MARGEM ATLÂNTICA é apresentado pela primeira vez na Cinemateca.

Inserida no programa da Temporada Portugal-França 2022, “Margens Atlânticas” desdobra-se em duas programações paralelas. Para além do ciclo de filmes exibidos pela Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, entre 19 e 24 de setembro, é apresentada, no Espaço Espelho d’Água, uma exposição de Ariel de Bigault e Francisco Vidal (17-29 de setembro)

Evento organizado no âmbito da Temporada Portugal-França 2022

